



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2018v7n1p95-106

TRANSEXUALIDADES: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS A PARTIR DO FILME A GAROTA DINAMARQUESA

TRANSEXUALITIES: PSYCHOANALYTICAL CONSIDERATIONS FROM THE FILM THE DANISH GIRL

TRANSEXUALIDADES: CONSIDERACIONES PSICOANALÍTICAS A PARTIR DE LA PELÍCULA LA CHICA DANESA

Gabriela Costa Moura¹
Débora Cristina da Silva Alves³

Wagner Leite de Souza²
Ana Paula de Oliveira Silva⁴

RESUMO

O presente trabalho é resultado das discussões do Grupo de Estudos Psicanalíticos (GEPsi) e do Projeto de extensão CINE PSI – uma articulação entre cinema e psicanálise, e propõe-se discutir o fenômeno da transexualidade que diz respeito a uma autoafirmação identitária do sujeito em relação de não sintonia com seu gênero que foi designado socialmente com base em seu sexo biológico. Para isso foi realizada uma pesquisa de revisão sistemática de literatura sobre o tema em questão e uma análise e discussão sobre o filme *A garota dinamarquesa*. Objetivou-se, com isso, evidenciar a partir da psicanálise, o corpo imaginário, simbólico e real, bem como os processos

onde a transexualidade se coloca enquanto uma das possibilidades de identidade de gênero. Nesse sentido, se faz relevante compreender o sujeito sob um prisma multidimensional, uma vez que a psicanálise e demais saberes, devem potencializar uma prática transdisciplinar, considerando as vozes e experiências de transexuais e travestis para não reproduzir uma lógica patológica das transidentidades.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Identidade/Imagem. Psicanálise. Transexualidade.

ABSTRACT

This work is the result of the discussions of the Group of Psychoanalytic Studies (*GEPSI*) and the CINE PSI extension project - an articulation between cinema and psychoanalysis, and it's proposed to discuss the phenomenon of transsexuality that concerns a self-affirmation of the subject's identity in relation to non-attunement with their gender that was socially designated based on their biological sex. For this, systematic literature review was conducted on the subject in question and an analysis and discussion on the film *The Danish Girl*. It is intended, with this, to evidence from psychoanalysis, the imaginary, symbolic and real body, as well as the processes

where transsexuality is placed as one of the possibilities of gender identity. In this sense, it is relevant to understand the person under a multidimensional prism, since psychoanalysis and other knowledge, should foster a transdisciplinary practice considering the voices and experiences of transsexuals and transvestites so as not to reproduce a pathological logic of trans identities.

KEYWORDS

Body. Identity/Image. Psychoanalysis. Transsexuality.

RESUMEN

El presente trabajo es el resultado de las discusiones del Grupo de Estudios Psicoanalíticos (GEPSI) y del Proyecto de extensión CINE PSI - una articulación entre cine y psicoanálisis, que se propone discutir el fenómeno de la transexualidad que se refiere a una autoafirmación identitaria del sujeto en relación de no sintonía con su género que fue designado socialmente con base en su sexo biológico. Para ello se realizó una investigación de revisión sistemática de literatura sobre el tema en cuestión y un análisis y discusión sobre la película *La Chica Danesa*. Se objetiva, con ello, evidenciar a partir del psicoanálisis, el cuerpo imaginario, simbólico y real, así como los procesos

donde la transexualidad se plantea como una de las posibilidades de la identidad de género. En este sentido, se hace relevante comprender al sujeto bajo un prisma multidimensional, una vez que el psicoanálisis y demás saberes, deben potenciar una práctica transdisciplinaria considerando las voces y experiencias de transexuales y travestis para no reproducir una lógica patológica de las transidentidades.

PALABRAS CLAVE

Cuerpo. Identidad/imagen. Psicoanálisis. Transexualidad.

1 INTRODUÇÃO

Para Ceccarelli (2011) é necessário entender o fenômeno que se apresenta nas discussões que envolvem a transexualidade, pois, existem alguns elementos que precisam ser pautados para compreensão do analisando. Dessa forma, deve-se questionar: que corpo se escutar em análise? De que corpo o sujeito nos fala?

Nos mais diversos contextos e entre diferentes abordagens que tratam o tema da transexualidade, há algo em comum: existe uma síncope entre o sexo biológico e o sexo psicológico. As pessoas transexuais têm o desejo de viver e se afirmar identitariamente de forma oposta ao gênero que a ela foi designada com base em seu sexo de nascimento, entretanto, nem sempre desejam passar pelo processo de transgenitalização (COELHO; SAMPAIO, 2013). Para desenvolver o tema em questão, se faz necessário discutir o que é o corpo e a identidade, bem como a relação entre ambos. Assim, será abordada de forma breve a temática “corpo”, tomando como base os significantes e significados culturalmente atribuídos a ele ao longo da história da humanidade (FELIPE, 2013).

A psicanálise se expressa a partir de um significativo embasamento teórico, que possibilita visualizar um corpo imaginário, simbólico e real, colocando a linguagem em lugar privilegiado e como um rico material de estudo. Muito além do discurso biologicista, a psicanálise irá propor que o tornar-se homem ou mulher advém das vicissitudes pulsionais (BARRETO; CECCARELLI, 2015; CECCARELLI, 2011). Para ilustrar a discussão, será utilizado o filme *A Garota Dinamarquesa*, obra cinematográfica de Tom Hooper (2016) o qual teve inspiração por meio do livro de David Ebershoff (2016). O filme possibilita evidenciar o processo de Einer Wegener, personagem principal da obra que se reconheceu como mulher, Lili Elbe, e passou pelo processo de transgenitalização (EBERSHOFF, 2016; HOOPER, 2016).

Assim, este artigo objetiva trazer outra noção de transexualidade e travestilidade distante de uma ótica patologizadora. As identidades trans ainda são vistas de modo patológico, estando presentes no Ma-

nual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5) como disforia de gênero. Essa lógica diagnóstica se apresenta como uma extensão das práticas sociais normativas, respaldada por um discurso científico, advindo das ciências médicas e fortalecido por outras disciplinas como a psicologia e o direito.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma revisão sistemática de literatura que propõe fazer uma análise de fontes bibliográficas. Para Sampaio e Mancini (2007) esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese de dados selecionados e consistentes sobre determinado tema.

A pesquisa baseou-se em discussões do Grupo de Estudos Psicanalíticos (GEPSI) e do projeto de extensão CINE PSI – uma articulação entre cinema e psicanálise, tendo como foco de discussão a obra cinematográfica *A Garota Dinamarquesa* (HOOPER, 2016). Foi analisada literatura científica da área da psicanálise, psicologia e áreas afins, usando bancos de dados eletrônicos como: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC); Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos (PPEC); Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Literatura Internacional em Ciências da Saúde (Medline); *Literatura Latino-Americana em Ciencias de la Salud* (Lilacs); Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP); Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Portal CAPES); além da utilização de livros disponíveis na biblioteca física do Centro Universitário Tiradentes (UNIT).

O levantamento de dados foi realizado nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2016, utilizando de modo puro ou combinado os seguintes descritores: corpo, identidade/imagem, psicanálise e transexualidade. Foram estabelecidos como critérios de exclusão livros e artigos que não seguissem ou não

se aproximassem da discussão sob a perspectiva psicanalítica. As questões norteadoras desta pesquisa foram as seguintes: “Quais fatores histórico-culturais cooperaram para compreensão das noções de ‘corpo, identidade/imagem e sexualidade’ que temos hoje em na atualidade?”; “O que a psicanálise teria a dizer a respeito do fenômeno da transexualidade?”.

A adoção de um procedimento sistemático nessa busca foi fundamental. Utilizou-se, como estratégia de busca, o reconhecimento da presença da combinação de dois ou mais descritores no título, resumos e sumários, para que a partir disso, pudéssemos ter mais segurança na escolha dos artigos e demais referenciais teóricos que foram analisados, economizando tempo garantindo uma seleção mais criteriosa.

3 SINOPSE DO FILME: “A GAROTA DINAMARQUESA”

A Garota Dinamarquesa (2016) é um filme de drama inspirado no livro de mesmo nome, do autor David Ebershoff (2016). A história traz Einer, um pintor que se percebia inicialmente limitado, preso. O enredo também trata de Gerda, a esposa e pintora de retratos, que diante do cancelamento de Ana, a mulher que posaria para sua pintura, resolve pedir a ajuda do cônjuge para que ela pudesse pintar um de seus quadros. Assim, Gerda gostaria que seu esposo posasse e o perguntou se ele poderia vestir as meias e sapatos de Ana, mas ele se sente desconfortável com a situação (EBERSHOFF, 2016; FARIA; RIBEIRO, 2015).

Diante do desconforto de Einer, Gerda o encoraja a não pensar tanto no que as pessoas acham e simplesmente relaxar. De acordo com Ebershoff (2016) tal cena demonstra Gerda, como uma esposa que talvez já conheça as camadas mais profundas do marido e que o encorajava, mesmo sem perceber, para que fosse ele mesmo, ao tempo em que expõem um Einer em conflito notando os itens de Ana, transparecendo prazer e medo.

Ao decorrer da pintura se faz necessário que Einer ponha também um vestido, para que a Gerda possa pintar mais detalhadamente o seu quadro e ele resiste, mas acaba por vestir. Neste momento, a

esposa o chama de “Lili” e, sem saber, abre o caminho para a entrada de Lili Elbe. A partir desse ponto a história começa a se desenrolar, pois Einer passa a se ver como Lili, que parece já se encontrar dentro dele há tempos. Em algumas partes do filme, parecem existir duas pessoas num só corpo, é assim que o autor, Ebershoff (2016) descreve Einer na visão de Lili, seria outro ser, outra alma, outra pessoa.

Gerda passa então a apoiar Einer a experimentar outros vestuários femininos e até o leva a uma festa como Lili. Para Faria e Ribeiro (2015) Einer sente-se e compreende-se enquanto mulher, numa condição onde ele consegue dá evasão a toda a sua feminilidade. Até certo ponto, nem ele, nem a esposa, percebiam onde essa “brincadeira” iria chegar, até que ao despir Einar em sua cama, Gerda o vê com um vestido por dentro de sua roupa e é quando Hooper (2016) parece abordar com maior exatidão essa identidade Lili e onde tal identidade se mostra viva para o casal.

A partir de tal ponto, Gerda passa a pressionar Einer sobre Lili, e então, ambos passam a procurar médicos, buscando uma resposta para o que estava havendo. Nessa busca, é possível notar a angústia, ao ouvir patologizações, enquadramentos, diagnósticos como homossexualidade, doença, esquizofrenia, delírio, loucura, entre outras doenças ou estados mentais. A lógica diagnóstica e patologizante das sexualidades era algo marcante no saber médico da época.

Em determinado momento do filme, Einer não consegue mais esconder Lili e torna perceptível a amargura de estar naquele corpo com o qual não se identifica. Assim, já como Lili, a personagem busca um procedimento novo para a época: a operação de troca de sexo, o processo de transgenitalização (EBERSHOFF, 2016) que só foi possível graças a Warnekros (Sebastian Koch), médico interessado nos casos transgêneros.

Tal caminho da obra cinematográfica torna a história de Lili um pioneirismo, que se evidenciou com a divulgação dos relatos de seus diários publicados após sua morte e também com sua imagem registrada nas pinturas de Gerda (EBERSHOFF, 2016). Dirigido por Tom Hopper, o filme ilustra tal evidência e aborda um processo de auto identidade, demonstrado por

meio de um caso, pioneiro de mudança de sexo e de divulgação do ocorrido na década de 1930. A trama, de acordo com David Ebershoff (2016), consegue colocar Lili na vanguarda de um movimento poderoso e inacabado em prol dos direitos civis e de dignidade humana para todas as pessoas.

4 CORPO E IDENTIDADE: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA

A obra cinematográfica *A garota dinamarquesa* desperta diversos questionamentos, uma vez que a transexualidade traz como elemento importante: o corpo. Mas, o que é um corpo? O que é ter um corpo? O que é hoje a nossa corporeidade? Que possibilidades nos são abertas e que experiências nos são possíveis a partir do corpo?

De acordo com Barbosa e outros autores (2011), na Grécia o corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do estado. Na Idade Média vê-se um corpo servil; a característica essencialmente agrária da sociedade feudal justificava o poder da presença corporal sobre a vida cotidiana, nesse período vigorava também a noção dualista: mente-corpo. No Renascimento, as ações humanas passaram a ser guiadas pelo método científico, o corpo anatômico fica frente a um olhar “científico”, ele é percebido enquanto objeto de estudos e experiências, sendo investigado, descrito e analisado. Com a evolução da sociedade industrial houve um elevado desenvolvimento técnico e científico, refletindo assim no crescimento e surgimento de novas técnicas e práticas sobre o corpo em nossa atualidade.

Cada época atribui um significado ao corpo, o constrói e o reconstrói, o decora e o desvela, mas também, o destrói, o deforma e o mutila. Percebe-se que os modos de se utilizar e de se dispor do corpo refletem as normas e os valores da dinâmica cultural da sociedade em questão; ao estudá-lo tem que se levar em conta os códigos sociais, as concepções de higiene, a arte, a poesia para assim alcançar a dimensão política do corpo (CECCARELLI, 2011).

Vários campos do saber por meio do discurso vêm tomando para si a tarefa de falar sobre o corpo, descrevendo-o, conceituando-o e atribuindo-lhe sentido, além de ditar regras a fim de adequá-lo ao que consideram ser a norma social (FELIPE, 2013). A exemplo, o saber médico, que se posiciona enquanto figura central, cuidando não apenas do corpo individual, mas, do corpo social. E estas representações sociais sobre o corpo estão nitidamente presentes no discurso e nas práticas de profissionais da saúde (GOELLNER, 2013).

Para a psicanálise, o corpo que interessa não é o organismo – o corpo que é tratado pela medicina. Não, o corpo que interessa é o corpo vivo, tal como o amamos ou rejeitamos, tal como é inscrito em nossa história e tal como é envolvido na troca afetiva, sensual e inconsciente com nossos parceiros. O corpo que interessa a psicanálise é o corpo tal como o vivemos, tal como o interpretamos e, tal como o fantasiemos (NASIO, 2009).

Dito de outra forma, a psicanálise discute um corpo subjetivo, abordado pelo instrumental clínico/teórico, onde se privilegia a linguagem, como material de estudo. No entanto, essa forma de pensar o corpo fez com que durante muito tempo algumas pessoas argumentassem que a psicanálise negligenciava o corpo e privilegiava o discurso (LAZZARINI; VIANA, 2006). Muito pelo contrário, com a descoberta do inconsciente, a “vida dupla do corpo” é desvelada, trazendo assim, novas perspectivas clínicas para a compreensão das relações eu/corpo. A particularidade da psicanálise encontra-se no fato de que ao superar a dimensão biológica do corpo, ela trabalha com sua perspectiva imaginária, simbólica e real (CECCARELLI, 2011).

Para a psicanálise a imagem do corpo é compreendida como a própria substância do nosso eu, porém, não existe eu puro; o eu resulta sempre da interpretação pessoal e afetiva do que sentimos e do que vemos de nosso corpo. Então, não somos apenas nosso corpo em carne e osso. Sendo assim, o corpo real seria o corpo que sentimos: a imagem do corpo real. Já o corpo imaginário, o corpo que vemos: a imagem especular. E o corpo simbólico, o corpo que nomeamos: a imagem do corpo simbólico (NASIO, 2009).

Mas, vale enfatizar que a imagem que construímos do nosso corpo e os aspectos desta construção é marcada pela visão do Outro. Em suma, o vocábulo “grande Outro” recobre tanto todas as pessoas que marcam nossa existência como as determinantes sociais que nos condicionam (CECCARELLI, 2011; NASIO, 2009), dado que, nossos corpos materializam-se a partir da reiteração constante entre a norma e o sexo, o gênero é produzido no âmbito desse movimento, cujas reiterações constantes, engendram, legitimam e reconhecem a matriz caracterizada pelo binarismo e pela heterossexualidade (LIMA, 2014).

Einar tem o seu corpo biológico determinado pelos cromossomos XY, com isso, pode ser considerado “homem”. No entanto, apesar dos aspectos genéticos e anatômicos – e das objetivações sofridas a partir da cultura (do Outro) – a percepção interna e subjetiva, faz-se revelar que o indivíduo se sente enquanto ser feminino, enquanto mulher, pois se vê e afirma-se Lili (FARIA; RIBEIRO, 2015).

A compreensão aqui exposta permite questionar a ideia de uma identidade essência ou sexualidade natural, porquanto ninguém nasce sexuado. As bases que sustentam as identificações constitutivas do Eu e as futuras escolhas de objeto são vicissitudes das relações do recém-nascido com o Outro, uma vez que, no psiquismo não há nada pelo que o sujeito possa situar-se como sendo de macho ou de fêmea, aquilo que se deve fazer como homem ou mulher, o ser humano terá sempre que aprender com o Outro.

Assim, é correto afirmar que ninguém nasce “homem ou mulher”, os corpos sexuados são capturados, por uma lógica que codifica as pessoas e as educam a serem e agirem como homens e mulheres dentro do parâmetro que a sociedade estabelece como norma. Então fica entendido que a colagem de um determinado gênero, em um dado sexo anatômico é resultado de uma construção social e cultural, derrubando, assim, a crença de que somos biologicamente determinados por diferenças tidas como inatas (LACAN, 1973 apud CECCARELLI, 2012; MEYER, 2013).

5 AS TRANSEXUALIDADES NA PSICANÁLISE

Na psicanálise o corpo é visto como um objeto que ultrapassa o somático e constitui um todo em funcionamento coerente com a história do sujeito. Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, começou a formular a sua compreensão sobre o corpo ao estudar a histeria, afirmando que o corpo da histórica só poderia ser definido se fosse considerada não somente a anatomia, mas a condição da representação corporal presente no imaginário social. E é a partir dessa visão de corpo que a psicanálise passa a teorizar a sua concepção de sexualidade, enfatizando que este fenômeno tem um lugar marcante na constituição do sujeito. A sexualidade tem uma multiplicidade de significados e não um sentido único, então ela seria não só da ordem do biológico, mas também da linguagem. A condição da sexualidade é ser polimorfa, o que significa que esta tem uma pluralidade de objetos possíveis (LAZZARINI; VIANA, 2006).

A concepção psicanalítica de se pensar o fenômeno da sexualidade, gerou muitas críticas e resistências tanto da sociedade quanto da comunidade médica da época (início do século XX), sua forma de analisar as questões relativas à sexualidade mudava o enfoque da biologia para a cultura (ADELMAN, 2000).

A psicanálise propiciou ao sujeito uma compreensão de sua circulação pulsional, lhe permitindo um maior conhecimento de sua dinâmica identificatória. Embora agindo no corpo, as pulsões respondem a processos inconscientes. Os caminhos pulsionais resultam de uma série de acontecimentos que se interagem e se complementam, não de algo natural, predefinido (CECCARELLI, 2011). Então, nosso eu seria a ideia íntima que forjamos de nosso corpo, isto é, a representação mental de nossas sensações corporais, representação mutante e incessantemente influenciada por nossa imagem do espelho (NASIO, 2009).

Mas, os discursos sobre a sexualidade, construídos e modificados ao longo dos séculos, segundo o sistema de valores da cultura e os interesses dominantes, atuam tanto na vida individual quanto na coletiva, contribuindo na constituição do superego de cada sujeito.

Sendo assim, as relações entre o Eu e o corpo erógeno variam segundo os destinos pulsionais e os movimentos repressivos, pois este corpo foi e é submetido a um processo compulsório que insiste em atrelar a pulsão a formas de satisfação socialmente valorizadas, sem levar em conta a alteridade interna (CECCARELLI, 2012).

Einar, por exemplo, vê-se limitado, preso. Sente-se a partir de determinado momento de irrupção enquanto mulher, condição em que dá evasão a sua feminilidade. No entanto, reprime suas impressões, pulsões, bem como seus conteúdos e ideais. Os anseios do indivíduo e as práticas da cultura simbolizam um embate metapsicológico bastante conhecido na literatura psicanalítica: o conflito que emerge, internamente, entre as instâncias do id e do superego com mediação direta do ego (FARIA; RIBEIRO, 2015).

Sampaio e Coelho (2013) destacam que para a medicina, o sexo biológico é a referência para a determinação da identidade sexual dos sujeitos. Então, qualquer desvio em relação a essa norma médica é compreendido como um transtorno, que pode ser tratado cirurgicamente, adaptando o corpo ao que o sujeito entende ser. Já no âmbito das ciências sociais, a transexualidade vem sendo discutida a partir de suas relações com as normas e os valores socioculturais. Numa compreensão psicanalítica, as pessoas transexuais estariam dentro dos parâmetros considerado ser o de “anormalidade”, em vista de que o funcionamento psíquico do sujeito trans é visto como algo particular, mas não patológico. Para essa linha de pensamento, segundo Barreto e Ceccarelli (2015, p. 114-115):

O Eu, o nosso capital identitário, ratifica as construções identificatórias de gênero, sociais e psíquicas. [...] nas transexualidades trata-se das primeiras referências identificatórias responsáveis pela construção do sentimento de identidade sexual: eu sou homem, eu sou mulher.

Einar percebe a sua genitália e toma consciência dela. No entanto, a rejeita –negação – como forma de se distanciar de seu gênero de origem e de romper com este, utilizando-se de vestimentas e nutrindo-se com desejos conscientes que envol-

vem objetos facultados à mulher. O conflito entre id (querer dar evasão à condição feminina, à autoimagem outrora discrepante, agora aceita e com a qual ocorre e decorre a identificação) e superego (a genitália, o falo existente enquanto objeto culturalmente importante para expressão masculina) é, em hipótese, um fator proeminente e responsável que dá evasão a condutas posteriores. Para fugir do conflito, o indivíduo sai, desesperadamente, à procura de cirurgia para realizar a mudança de sexo (FARIA; RIBEIRO, 2015).

De acordo com Nasio (2009) o eu é a imagem mental do corpo que sentimos, mas também a fusão da imagem mental do corpo e da imagem especular do corpo, entretanto não deixa de ser um eu-extensão, ou seja, ele está tanto em nossa cabeça quanto nos seres que amamos, ele está em nós e fora de nós.

[...] o estádio do espelho é uma etapa no desenvolvimento infantil durante a qual a criança descobre o reflexo de sua silhueta humana. Como conceito, o estádio do espelho põe em cena o nascimento do Eu, do eu e do outro. Três instâncias identitárias que nascem graças à identificação da criança com o modelo que lhe oferece sua própria imagem especular. Assim, a criança identifica-se com a imagem de si mesma e, ao fazê-lo, constrói sua identidade e amadurece mais. (NASIO, 2009, p. 168).

Barreto e Ceccarelli (2015) enfatizam que os processos identificatórios que nos constituem são inseparáveis da organização simbólica da cultura e testemunham as inúmeras possibilidades de subjetivação capazes de “humanizar” o bebê, contradizendo assim, a ideia de uma natureza intrínseca e reguladora. Em palavras simplificadas: o gênero é uma construção cultural e como tal serve de suporte identitário ao sujeito em constituição.

Biologicamente nasce-se macho ou fêmea. Entretanto, o tornar-se mulher ou homem diz respeito às vicissitudes pulsionais e aos aportes constitutivos do sujeito. A trajetória desse enredo e de suas respectivas tramas psíquicas refletem os percalços identitários, articulando impreterivelmente o candidato a sujeito e o Outro. (BARRETO; CECCARELLI, 2015, p. 116).

Não há uma identidade sexual de base, ao sujeito dividido, acrescentar-se-ão os atributos masculinos ou femininos, mas nenhum atributo proporcionará uma identidade sexual. A identidade é construída a partir da “cristalização das identificações”, das fixações de gozo, da inserção da castração, de sua negação, sua recusa radical ou de seu desmentido. Como é exemplificado no aporte lacaniano, masculino e feminino são apenas semblantes, máscaras construídas, roupas, maquiagem ou ainda temperamento afirmativo que este sujeito supõe ao masculino ou ao feminino. Sentir-se homem ou mulher é uma questão de encontrar uma identidade (MIRANDA, 2015).

Barreto e Ceccarelli (2015) afirmam não haver nenhuma predeterminação natural ao que concerne aos caminhos pulsionais e as escolhas de objetos. E que o descompasso entre anatomia e o sentimento de identidade sexual desses sujeitos se apresenta como uma equação psíquica, pois recorda não apenas o estranho familiar, mas também a identificação, fazendo com que o Eu entre num questionamento constante e inquietante: “Quem sou Eu?”

Porém, deve-se compreender que não existe um padrão fixo do que é ser transexual. Neste sentido, a experiência trans, trata-se de várias formas singulares de subjetivação (ARÁN *et al.*, 2008). É particularmente consenso ouvir: “tenho o corpo de um sexo e a alma do outro”. No entanto, as pessoas transexuais são diferentes umas das outras, assim como todas as demais pessoas não transexuais (SAMPALIO; COELHO, 2013). A aparente semelhança entre os discursos manifestos pode camuflar uma grande diversidade de conteúdos latentes, senão recalçados, e falar do “transexual típico” é tão absurdo quanto falar do “heterossexual típico” ou do “homossexual típico” (CECCARELLI, 1998).

Um exemplo disso está no fato da experiência da transição das pessoas trans, pois, nem todas(os) necessitam passar pelo processo de redesignação sexual, há aquelas(es) que se satisfazem apenas com o processo de hormonização. Neste sentido, para algumas pessoas “a cirurgia é imprescindível”, outras “podem esperar” e ainda outras “podem desistir” da

cirurgia sem “deixarem de ser transexuais” (ARÁN *et al.*, 2008). Então, qualquer estratégia de ajudar estes sujeitos, deve levar em conta à particularidade de trajecto transexual de cada um.

Hoje, diferentemente da época em que se passa a história de Lilli, há um aparato tecnológico favorável à transição sexual das pessoas trans. No entanto, ao atribuir um teor patológico à vivência dessas pessoas, o procedimento de transexualização se burocratiza a ponto dessas pessoas não conseguirem ter acesso a esse serviço de forma autônoma. Essa noção de diagnóstico é nitidamente um vetor que estigmatiza o sujeito, dificultando no processo de inclusão destas populações. Atribui-se uma patologia ao paciente sem questionar fatores históricos, políticos e subjetivos de psiquiatrização da condição transexual. Pois é obvio que a condição de transgênero não significa nenhuma incapacidade mental, a maioria das pessoas tem total condição de exercer a autonomia, de decidir sobre o seu próprio corpo (ARÁN *et al.*, 2008).

A patologização das transidentidades via Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5) como disforia de gênero, ocorre em virtude de uma cadeia de disciplinas que cooperam com a manutenção dessa lógica diagnóstica: medicina-psiquiatria, psicologia, direito etc. Tais saberes se articulam e corroboram com a produção de normas de gênero. Para Sampaio e Coelho (2013) o Código Internacional de Doenças (CID) ou o DSM 5 não devem ser empregados como verdades absolutas sobre o conceito de doença, como muitos o entendem, mas, somente como uma possível ferramenta que nos dá uma definição.

Diante disso, a psicanálise emerge com a capacidade de contribuir com um novo olhar para as(os) transexuais, pois amplia o discurso da ciência, fazendo entender que dizer para o sujeito o que ele deve ser/fazer é tentar impor nossos desejos, crenças pessoais, ideológicas e expectativas sociais para o outro, negando a ele o direito de caminhar rumo a um processo de singularização, privando-o da autonomia sobre si (COELHO, 2006). Então, se “o gênero não é uma essência, mas um devir, os seus destinos dependem dos atores políticos e clínicos implicados,

e as possibilidades de subjetivação se fazem de acordo com a contingência histórica em que se apresentam” (ARÁN *et al.*, 2008, p. 78).

Por meio do exposto, destaca-se que o que se pretende com a despatologização das transidentidades é evidenciar a importância da compreensão sobre a diversidade das formas de subjetivação na transexualidade. Para isto, mostra-se relevante discutir a questão da autonomia das(os) transexuais e sugerir políticas públicas que, embora sigam um protocolo de assistência, não tenham como única referência terapêutica a realização do diagnóstico e a cirurgia de transgenitalização. Mas, que se compreenda que transexualidade é uma entre muitas possibilidades humanas de determinação do próprio gênero (ARÁN, 2008).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa pode-se evidenciar que a noção de corpo é produto das diferentes culturas e momentos históricos onde esse corpo circula. Da mesma forma, o gênero enquanto resultado de designações socioculturais, mas se tratando das identidades dos sujeitos percebe-se que isso reflete determinações inconscientes que permeiam a constituição de cada pessoa. Com base na discussão feita foi evidenciado que as noções de masculinidade e feminilidade estão postas no imaginário social, tais conteúdos vão fazer parte da constituição inconsciente de cada sujeito, refletida na forma como esse se apresenta nas relações, onde a transexualidade se constitui como uma dessas formas de subjetivação.

Pode-se perceber que a discussão aqui se distancia do prisma diagnóstico e propõe enxergar os sujeitos trans por uma ótica mais abrangente que objetiva alcançar todas as determinações que o faz sujeito. Visa-se ainda corroborar com o fomento de práticas que prezem pela autonomia do analisando que tem muito a dizer de si. Tendo em vista a importância do tema, o presente trabalho contribui com o campo do conhecimento científico não só no que tange a psicanálise e a psicologia, mas também, outros terrenos que envolvem a população transgênera. Este estudo tem

como intuito promover um entendimento psicodinâmico acerca do assunto, buscando cooperar com informações para profissionais de diversas áreas ao provocá-los, para que assim possam se inquietar, problematizar e pensar novos saberes e práticas a respeito da temática em questão.

REFERÊNCIAS

A GAROTA Dinamarquesa. Direção: Tom Hooper. Produtoras: Working Title Films, Pretty Pictures, Revision Pictures e Senator Global Productions. Elenco: Eddie Redmayne; Alicia Vikander; Matthias Schoenaerts. Roteiro: Lucinda Coxon. 1 DVD (119 min.) EUA, 2015, lançamento: 2016.

ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v.14, p.163-171, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a09n14.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

ARÁN, M.; Zaidhaft, S.; Murta, D. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.1, p.70-79, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a08v20n1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BARBOSA, M.R., MATOS, P.M.; COSTA, M.E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v.23, n.1, p.24-34, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>>. Acesso em: 10/ ago. 2016.

BARRETO, O.F.; CECCARELLI, P. R. Entre o Eu e o corpo... um estranho: reflexões sobre as transexualidades. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 37, n.69, p.113-120, jun. 2015. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/EntreoEueocorpo.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

CECCARELLI, P.R. Transexualismo e identidade sexuada. In: VIVIANI, A., (Org.). Temas da clínica

psicanalítica. São Paulo: Experimento, 1998. p.137-147. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

CECCARELLI, P.R. Uma breve história do corpo. In: **Corpo, alteridade e sintoma**: diversidade e compreensão. Lange & Tardivo (Org.). São Paulo: Vetor, 2011. p.15-34. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/brevhistcorp.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

CECCARELLI, P.R. O que as homossexualidades têm a dizer à psicanálise (e aos psicanalistas). **Bagoas**, n.8, p.103-123, 2012. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/O_que_as_homo.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

COELHO, C.M.S. Psicanálise e laço social - uma leitura do Seminário 17. **Mental**, Barbacena, ano IV, n.6, p.107-121, jun. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v4n6/v4n6a09.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

EBERSHOFF, D. **A garota dinamarquesa**. [2000] Tradução de Paulo Reis. Rio de Janeiro: Fabrice, 2016.

FARIA, I.M.D.; RIBEIRO, K.C.R. A garota dinamarquesa: uma abreviada apreensão psicanalítica. **PsicoFAE**, Curitiba, v.4, n.1, p.11-18, 2015.

FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In.: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. cap.4. p.54-65.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.;

GOELLNER, S.V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. cap.2. p.30-42.

LAZZARINI, VIANA, E.R.T.C. **O corpo em psicanálise psicologia**: teoria e pesquisa. v.22 n.2, p.241-250, maio-ago, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a14v22n2.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

LIMA, F. Subversões de Sexo(s) e Gênero(s): Contraposições ao Biocapitalismo Contemporâneo ou por uma política das multidões queer. In: LIMA, F. **Corpos, gêneros, sexualidade**: políticas de subjetivação. Textos reunidos. 2.ed.rev.atual. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014, cap.1, p.19-34. Disponível em: <<http://www.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude/corpos-generos-sexualidades-politicas-de-subjetivacao-20-edicao-pdf>>. Acesso em: 3 set. 2016.

MEYER, D.E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. cap.1. p.11-29.

MIRANDA, E.R. Transexualidade e sexuação: o que pode a psicanálise. **Revista Trivium Est. Interd.** Ano VII, 1ed. p.52-60, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18370/2176-4891.2015v1p52>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

NASIO, J.D. **Meu corpo e suas imagens**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SAMPAIO, L.L.P.; COELHO, M.T.A.D. A transexualidade na atualidade: discurso científico, político e histórias de vida. III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. **Anais...** Salvador: UNEB, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15770/1/A%20TRANSEXUALIDADE%20NA%20ATUALIDADE.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.** [on-line], v.11, n.1, p.83-89,

2007. ISSN 1413-3555. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt&ORIGINALLANG=pt>. Acesso em: 17 nov. 2016.

Recebido em: 16 de setembro de 2016
Avaliado em: 27 de fevereiro de 2017
Aceito em : 26 de abril de 2017

1 Psicanalista, membro efetivo do TORO – Escola de Psicanálise de Maceió-AL; Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Mestre em Psicologia – UFAL; Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: gabrielamourapsi@gmail.com

2 Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: wagnersouzar@hotmail.com

3 Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: deboracsalves@gmail.com

4 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: anaoliveirapsicologia@gmail.com

